CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS SOBRE SEXUALIDADE ENTRE UNIVERSITÁRIOS

Heloisa Hernandes Lemo[1], Raul Aragão Martins[2]

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/ São José do Rio Preto, SP. Mestranda do Programa Multidisciplinar Interunidades de Pós Graduação Strictu Sensu: Ensino e Processos Formativos (UNESP São José do Rio Preto/Ilha Solteira e Jaboticabal) E-mail: heloisa_lemo@hotmail.com. Agência de fomento: CNPq.
[2] Livre-docente em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/ São José do Rio Preto, SP. Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista – UNESP/São José do Rio Preto e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Marília e do Programa de Pós-Graduação Ensino e Processos Formativos da UNESP/ São José do Rio Preto/Ilha Solteira e Jaboticabal.

RESUMO

Atualmente conhece-se a dimensão da epidemia da AIDS, e um grupo em situação de vulnerabilidade é o dos estudantes universitários. O IBILCE/UNESP desenvolve, desde 2006, o projeto "Equipe de Apoio do Ibilce – E aí!?", em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de São José do Rio Preto. Este projeto visa a prevenção às DST/AIDS e gravidez não planejada junto aos seus estudantes. Esta parceria envolve a formação de agentes multiplicadores entre os próprios alunos, testagem para HIV, orientação para a prática de sexo seguro e distribuição de preservativos e folhetos educativos. Este trabalho tem por objetivo avaliar o trabalho dos multiplicadores e a conduta sexual dos alunos do IBILCE/UNESP matriculados no ano de 2012 e para tanto, foi organizada uma amostra representativa dos alunos, que responderam um questionário anônimo sobre comportamento sexual. Por meio dos resultados pode-se pensar em ações que subsidiem trabalhos de prevenção entre os universitários.
Palavras-chave: sexualidade, gênero, universitários, vulnerabilidade, prevenção, .

KNOWLEDGE, ATTITUDES AND PRACTICES AMONG COLLEGE STUDENTS

ABSTRACT

The size of the AIDS epidemic is now known, and one group in a situation of vulnerability is that of college students. Since 2006, IBILCE/UNESP has developed the project "Support Team of Ibilce - E aí!?" in partnership with the Municipal Health Department of São José do Rio Preto. This project aims to prevent STD/AIDS and unplanned pregnancy with its students. This partnership involves the training of multiplier agents among the students themselves, HIV testing, guidance on the practice of safe sex, and distribution of condoms and educational leaflets. This study aims to evaluate the work of the multipliers and the sexual behavior of IBILCE/UNESP students enrolled in the year 2012 and for this purpose, a representative sample of the students was organized, who answered an anonymous questionnaire on sexual behavior. Through the results one can think of actions that subsidize prevention work among college students.
Keywords: sexuality, genre, college students, vulnerability, prevention.

INTRODUÇÃO

O tema da sexualidade passou a ser muito discutido em toda a sociedade, a partir dos anos 80, devido ao surgimento do vírus HIV, responsável pelo desenvolvimento da AIDS e a força de sua epidemia (PASCON; ARRUDA; SIMÃO, 2011; BRASIL, 1995). Os adolescentes e jovens adultos também fazem parte de um grupo em situação de vulnerabilidade, por conta de seus comportamentos de risco, típicos da fase em que se encontram, de procura por novos conhecimentos e experiências.

Essa situação exige a elaboração de projetos que levem informações e discussões aos ambientes que esses jovens frequentam, como as universidades e escolas, pois a discussão entre seus pares e a campanha pela conscientização favorecem o trabalho de disseminação para uma sexualidade prazerosa e protegida.

Este quadro mostra a necessidade de conhecer o nível de informação sobre DST-HIV-

AIDS, assim como a conduta sexual de jovens brasileiros, e assim obter subsídios para nortear estratégias de prevenção baseadas nas reais necessidades e características dessa população.

Como recurso para esse trabalho o Programa Municipal de DST/AIDS de São José do Rio Preto tem, entre seus projetos, o Programa de Prevenção "Universidade". O IBILCE/UNESP faz parte deste projeto e tem, inserido nele, alunos de graduação e pós-graduação, que após capacitação, atuam como multiplicadores entre os seus pares. No campus, este projeto foi implantado a partir da criação da “E aí?! – Equipe de Apoio do IBILCE”, com a formação de multiplicadores dentro da universidade e atividades de prevenção realizadas entre os alunos.

A intenção em desenvolver o presente estudo veio de uma necessidade de conhecer melhor o comportamento sexual dos universitários e a partir daí, promover ações que possibilitem à essa parcela de jovens viverem de maneira consciente e saudável sua sexualidade.

Neste contexto, esta pesquisa teve como objetivo avaliar a atuação dos agentes multiplicadores e a conduta sexual dos alunos do IBILCE/UNESP.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho quanti-qualitativo, na qual foram levantados dados quantitativos, como o nível socioeconômico, e dados qualitativos, como a opinião dos participantes sobre a sexualidade humana. O estudo foi realizado em um campus de uma universidade pública situado em uma cidade do interior do estado de São Paulo. O campus tem curso das áreas de Humanidades, Ciências Exatas e Ciências Biológicas.

Trabalhamos com dois grupos de alunos universitários. O primeiro grupo – os agentes multiplicadores, formado pelos alunos convidados para receber orientação de como trabalhar a sexualidade com os seus pares. Este grupo foi composto por 12 universitários. O segundo grupo foi constituído pelos alunos que interagem com o projeto voltado para uma sexualidade sadia e prazerosa.

Os agentes multiplicadores receberam formação para a sua atuação em um curso com duração de 12 horas que foi ministrado pelo coordenador do projeto, e por uma psicóloga do Programa Municipal DST/AIDS, da cidade em que foi realizado o estudo.

A avaliação do projeto foi realizada nos dois grupos. O primeiro, referente aos agentes multiplicadores, no qual foram avaliados o processo de formação e a atuação como agente multiplicador, essas questões possibilitaram delinear um perfil dos estudantes que fazem parte do projeto sendo aluno multiplicador, além de suas opiniões sobre as discussões do tema abordado e sobre sexualidade.

O segundo grupo, formado pelos agentes multiplicadores e alunos do campus. Estes alunos foram abordados por um dos agentes multiplicadores para responderem a um questionário anônimo, fechado e quantitativo. Os que concordaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os dados inicialmente foram digitados em uma planilha eletrônica e posteriormente analisados de acordo com a sua natureza. Os dados quantitativos tiveram calculados frequências, porcentagens e realizadas análises não paramétricas. Os qualitativos foram categorizados e apresentados em termos de frequências e porcentagens.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do IBILCE/UNESP, protocolo CAAE: 02559312.9.0000.5466.

RESULTADOS

Foram entrevistados 186 alunos da graduação, sendo 139 do sexo feminino e 47 do masculino, distribuídos pelas três áreas de conhecimento. Análises iniciais não mostraram diferenças significativas por área de conhecimento e desta forma o grupo foi considerado como um todo.

Quanto à situação afetiva, pode-se perceber por meio dos dados que, no total 9,4% dos alunos são casados, 43,3% dos alunos questionados declaram que namoram, 27,2% que estão sozinhos e 20% que ficam ocasionalmente, além de que seis universitários deixaram em branco esta variável.

Sobre a condição sexual dos alunos 94,6% deles se declaram heterossexuais. Dos 10 alunos que assinalaram as opções “homossexual” ou “bissexual”, há predomínio do sexo masculino entre os homossexuais, mas estes resultados precisam ser vistos com cautela devido ao pequeno número de respondentes.

Quando indagados sobre onde receberam orientação/educação sexual as respostas dos estudantes ficaram em torno da família e escola, 38,2%, seguida da opção família,

com 36%, e com a mesma quantidade de repostas amigos com 12,9% e outros 12,9%.

Das 186 pessoas da amostra estudada um total de 70,4% já tem vida sexual ativa, ou seja, 71,2% do sexo feminino e 68,1% do sexo masculino. Pode-se destacar que embora o porcentual feminino seja um pouco maior, a diferença entre os sexos não é significativa. Esses dados mostram a importância de se realizarem ações sobre sexo consciente e seguro, já que a maioria dos estudantes já se iniciaram sexualmente, além do fato da informação não ser garantia de práticas saudáveis, por isso a importância de um ambiente para se realizar discussões e troca de experiências entre os pares.

Entre os alunos que se iniciaram sexualmente no período de namoro, 83,6% utilizou o preservativo (81,8% do sexo feminino declara ter utilizado o preservativo na primeira relação sexual e 91,7% do sexo masculino). O número é positivo, porém, o uso do preservativo cai para 64,2% na última relação, não havendo diferença significativa entre os sexos, pois ambos tendem a deixar de usá-lo no decorrer na vida sexual com parceiro estável (63,6% do sexo feminino afirmam ter usado preservativo na última relação sexual e 66,7% do sexo masculino).

Já entre os universitários que se iniciam sexualmente por meio de uma relação ocasional acontece o inverso dos que se iniciam por meio do namoro. Um total de 73,8% utilizou o preservativo na primeira relação (74,1% do sexo feminino declara ter utilizado o preservativo na primeira relação sexual e 73,8% do sexo masculino), já na última relação sexual ocasional o número de uso do preservativo aumenta para 78,6% (77,8% do sexo feminino afirmaram ter usado preservativo na última relação sexual e 80% do sexo masculino).

O que muito preocupa é o fato de 26,2% dos universitários, que se iniciaram sexualmente por meio de um relacionamento ocasional não terem utilizado o preservativo. É necessário que os jovens se conscientizem que esse comportamento é um risco com a própria saúde e bem-estar.

A maioria dos alunos está concentrada no nível econômico de classe B, com 58,6% (no total de 106 alunos, 79 do sexo feminino e 27 do masculino), seguido da classe C com 22,7% (com 41 alunos, sendo 32 mulheres e nove homens) e classe A com 18,8% (com 26 mulheres e oito homens, que compõe um grupo de 34 pessoas).

A religião é uma característica que pode influenciar o momento de tomada de decisão de se iniciar sexualmente e de se prevenir para uma sexualidade saudável, especialmente quando o jovem a segue de maneira integral, já que algumas delas não apoiam o uso de preservativos e contraceptivos, além de exigir das mulheres ou do casal que se casem virgens. Entre as citadas, a católica foi a predominante, com 55,4%, seguida da evangélica com 15,1%, 16,1% citaram outras religiões e 13,4% não responderam a essa questão. Os resultados mostram que entre os evangélicos 53,6% ainda não se iniciaram sexualmente, que os diferencia de forma significativa (χ^2 = 13,960, p = 0,003) dos católicos (31,1%) e os que deixaram em branco ou assinalaram “nenhuma religião”, com 12,0%. Entre os que se iniciaram sexualmente a religião não influencia o uso de preservativos.

A idade da primeira relação sexual dos universitários investigados não tem diferença entre os sexos, ambos acontecem aos 17 anos. O número de relações sexuais no mês também não traz diferença entre os sexos, acontecem em média quatro relações/mês, pois o número de relações sexuais no mês depende do tipo de relacionamento e não do sexo do universitário, pois não existe diferença significativa entre homens e mulheres, ambos em um relacionamento de namoro têm em torno de cinco ou seis relações/mês, já os que estão ficando ocasionalmente têm em torno de uma ou duas relações/mês.

Quanto aos alunos multiplicadores, o grupo é composto por 12 alunos, todos participam da Equipe de Apoio do Ibilce – “E aí?!” e são estudantes do curso de Pedagogia. Responderam a um questionário no qual não precisaram se identificar, sendo 11 do sexo feminino (91,7%) e um do sexo masculino (8,3%), com idade entre 18 e 23 anos.

Quando indagados sobre a motivação para participar da equipe as respostas ficaram em torno da importância do tema sexualidade, com 50%, de ter conhecimento sobre o mesmo, com 41,7%, e uma resposta sobre poder ajudar outras pessoas com esse conhecimento (8,3%).

Segundo 50% dos alunos multiplicadores eles tiverem alguma experiência em educação sexual na escola, 16,7% deles disseram somente que sim, porém não especificaram onde ou com quem tiveram essa experiência, 16,7% disseram que não tiveram orientação sexual e 16,7%

afirmaram que a orientação sexual veio da junção entre escola e família.

Sobre as expectativas em colaborar com a pesquisa 50% deles apontaram a importância de ter conhecimento sobre sexualidade, 25% deles disseram que pretendem ajudar outras pessoas com o conhecimento adquirido, 16,7% querem contribuir com o desenvolvimento do projeto e uma pessoa colocou a importância de futuras discussões sobre o tema (8,3%).

Os multiplicadores também foram questionados sobre os seus conhecimentos quanto ao assunto sexualidade, 58,3% deles dizem que sexualidade é um assunto complexo por envolver diversos aspectos, 16,7% falam sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), 16,7% sobre a prevenção e um deles sobre as diferentes formas de relacionamento (8,3%), levando em conta que três deles citaram duas categorias dentro dessa questão.

A última questão foi sobre a distribuição de preservativos para adolescentes e jovens adultos em escolas e faculdades, todos concordam e aprovam essa distribuição, sendo que 75% apontam como sendo importante para conscientizar a prevenção, 16,7% deles colocam como ação importante para acabar com preconceitos e um deles cita a distribuição como maneira de familiarizar esses jovens com o preservativo (8,3%).

DISCUSSÃO

Por meio da presente pesquisa podemos perceber que a maior parte dos estudantes inicia sua vida sexual por volta dos 17 anos, idade em que ainda estão frequentando o Ensino Médio, além disso, a maioria aponta que a Educação Sexual ocorreu na família e escola. Esses dados vêm confirmar a importância da escola estar preparada para lidar com os temas sobre sexualidade, já que os jovens são muito curiosos e precisam saber de informações para que vivam de maneira consciente e sadia suas vidas sexuais.

Muitas vezes, na escola os únicos professores que acabam falando sobre sexo são os de Biologia, e frisam: a estrutura das genitálias, as formas de contracepção e a reprodução humana, bem como às DST, entretanto fica implícita a vivência prazerosa e adequada da sexualidade, com responsabilidade e preservação da saúde, exercidas por meio do uso adequado e consistente do preservativo e das formações corretas sobre o tema. Sem as informações necessárias e corretas, mergulhados em dúvidas e mitos, os jovens seguem para a faculdade, ambiente este em que pesquisas afirmam haver grande aumento nos relacionamentos e descobertas sexuais. Na universidade fica subentendido que as pessoas já têm todas as informações necessárias para lidar com sua sexualidade, o que as pesquisas e intervenções provam que é um engano, pois os alunos chegam com as dúvidas que não foram sanadas no começo da adolescência. A partir desses pontos recortados, fica claro que seria importante que as universidades também falassem de sexo com os jovens.

Quanto à frequência de relações mensais, os dados também mostram que os estudantes se relacionam sexualmente várias vezes no mês. Nesse sentido, a disponibilização e o uso do preservativo devem ser incentivados e jamais deixados de lado, já que seu uso sistemático configura-se como o único método eficaz para prevenir as DST/HIV/AIDS, além da gravidez não planejada.

Um dado preocupante é o fato dos jovens, principalmente aqueles que se encontram em uma situação afetiva de namoro, deixarem de usar o preservativo depois da primeira relação sexual. Corroborado por outro aspecto que chama a atenção, grande parte dos estudantes estão vivendo um relacionamento sério e estável, porém estar namorando não significa estar se relacionando sexualmente com uma única pessoa, ou que esta pessoa não tem vivência sexual anterior. É aconselhável que os casais firmem acordos, como fazer os testes para DST/HIV/AIDS, se vier a acontecer relações eventuais que seja utilizado o preservativo, que priorizem a saúde e bem estar do parceiro afetivo. Pesquisas indicam que os casais deixam de usar o preservativo conforme crescem os laços afetivos e a intimidade dos mesmos, tornando-se vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis.

Diante desse quadro de dados se destaca a importância de haver uma educação sexual dentro das escolas e universidades, além da presença de alunos multiplicadores nas mesmas.

Pensando em projetos como a Equipe de Apoio do Ibilce – E aí!?, onde os alunos são capacitados para intervir e discutir sobre o tema com seus pares – os demais alunos, torna-se muito mais fácil os jovens tirarem dúvidas, pedirem preservativos, aceitarem panfletos informativos, do que se esse trabalho fosse feito por outras pessoas, fora do contexto em que

esses jovens estão inseridos. Entre adolescentes e jovens adultos é muito mais fácil conversar sobre sexo, sexualidade, DST/HIV/AIDS, pois estes se identificam e reconhecem-se nas dúvidas e necessidades. O que não ocorre entre pessoas de idades diferentes, aspecto que vem a confirmar a importância do trabalho em pares na prevenção e promoção da saúde sexual e do combate às DST.

Além de todo trabalho de distribuição de material informativo, os multiplicadores devem procurar incentivar e conscientizar a importância do uso de preservativo, independente do estado civil, religião e orientação sexual do jovem, já que sabemos que esses valores e crenças interferem no uso e na vida sexual saudável dos estudantes.

Entre todos esses aspectos, o mais importante é que por meio dessas ações educativas de prevenção, os jovens estão se apoderando das suas vivências sexuais e ficando mais atentos às epidemias de DST/HIV/AIDS e a gravidez não planejada, sabendo conscientemente o que devem fazer para se prevenir, tornando-se mais autônomos sobre suas ações e cuidando de sua saúde para que possam viver uma sexualidade sadia, sem medos e culpas.

É importante frisar que o uso do preservativo deve ser maciçamente incentivado, para que os índices de jovens que deixam de se prevenir diminua, almejando um dia, que todos independente de faixa etária, saibam cuidar e respeitar seu corpo e o corpo do seu parceiro.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa em consonância com a participação e experiência adquiridas na Equipe de Apoio do Ibilce – "E aí?!" ao longo dos anos de graduação proporcionou uma visão diferenciada sobre a temática da sexualidade e das ações de prevenção e conscientização.

Discutir com os adolescentes e jovens adultos sobre sexo e sexualidade, apresentá-los ao preservativo, às DST/HIV/AIDS não é um incentivo a sexualidade precoce e nem um método terrorista que coloque como única opção o "não" à vida sexual ativa, é uma maneira de apresentar a realidade, familiarizar com os métodos de prevenção, preparar o adolescente e/ou jovem para que possa conduzir de maneira autônoma sua vida sexual, para que preconceitos sejam desmistificados e para a aceitação da diversidade sexual de maneira saudável, respeitosa e sem culpas.

REFERÊNCIAS

AYRES, José R. C. M. Práticas educativas e prevenção de DST/AIDS: lições aprendidas e desafios atuais. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, v. 6, n. 11, p. 11-24, 2002.

AYRES, José R. C. M., Adolescência e AIDS: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, v. 7, n. 12, p. 113-28, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Coordenação-Geral do PN DST/AIDS. **Drogas, aids e sociedade**. Brasília, 1995.

BRITO, Ana Maria ; CASTILHO, Eucilides A. ; SZWARCWALD, Célia L. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 34, n. 2, p. 207-17, mar.-abr., 2000.

FALCAO JUNIOR, José Stênio Pinto et al. Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. **Esc. Anna Nery**, v. 11, n. 1, p. 58-65, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-81452007000100008. Acesso em: 10 dez. 2014.

JEOLÁS, L. S. Juventude, sexualidade e AIDS: aspectos simbólicos da percepção do risco e da vulnerabilidade. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Adolescência em questão**: estudos sobre sexualidade. Araraquara: UNESP ; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

PASCOM, Ana Roberta Pati; ARRUDA, Marcela Rocha; SIMÃO, Mariangela Batista Galvão. **Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 64 anos 2008**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2011.

SILVEIRA, Mariângela F et al . Autopercepção de vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis e AIDS em mulheres. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 6, 2002. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 10 ago. 2006.

Recebido para publicação em: 09/08/2017
Revisado em: 24/09/2017
Aceito em: 28/09/2017